
A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA PODE GERAR SENTIDOS/ POSICIONAMENTOS CONTRÁDITÓRIOS?

*CAN HISTORICAL CONSCIOUSNESS GENERATE CONTRADICTORY
MEANINGS/POSITIONS?*

Wilian Carlos Cipriani Barom¹

Resumo: O presente artigo busca problematizar incidências de possíveis contradições e incoerências lógicas nas assinalações de jovens quando submetidos a questionários elaborados segundo métodos quantitativos de investigação, especialmente no diagnóstico de suas ideias históricas e posicionamentos políticos. O artigo lista as alternativas de dois projetos aplicados nacionalmente, aproxima as suas alternativas com potencialidades para contradições, identifica os jovens que as assinalaram concomitantemente e analisa o fato à luz da crítica metodológica e da teoria base que fundamentou a elaboração dos dois questionários. Foram identificados e analisados 14 casos de possíveis incoerências e/ou contradições nas assinalações realizadas.

Palavras-chave: Consciência histórica; Método quantitativo; Didática da História.

Abstract: This article aims to examine the occurrences of possible contradictions and logical inconsistencies in the responses of young individuals when subjected to questionnaires developed using quantitative research methods, particularly in assessing their historical concepts and political stances. The article catalogs the choices from two nationally implemented projects, aligns their options with the potential for contradictions, identifies the young individuals who marked them simultaneously and analyzes this in the context of methodological critique and the foundational theory that informed the creation of these two questionnaires. Fourteen cases of potential inconsistencies and/or contradictory responses were identified and scrutinized.

Keywords: Historical consciousness; Quantitative method; History Didactics.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR (EUPG) e professor adjunto do Departamento de Teoria e Prática de Ensino e da Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: wilianbarom@ufpr.br.

Este texto visa contribuir para o entendimento dos avanços no conhecimento científico na área do Ensino da História, explorando e analisando uma metodologia específica que atualmente é adotada por pesquisadores: a utilização de linguagem matemática da estatística e abordagens quantitativas para capturar a consciência histórica (uma reflexão sobre as análises estatísticas descritivas).

Por metodologia quantitativa, entendemos aqui as pesquisas científicas que versam sobre o Ensino da História que, por meio de uma investigação sistêmica dos fenômenos observáveis e uma ampla coleta de dados (segundo métodos e formas demonstráveis), buscam quantificar os resultados matematicamente na intenção de identificar fenômenos e/ou descrever possíveis causas bem como estabelecer relações entre variáveis.

Quanto a essa abordagem específica, a literatura científica tem apontado críticas relacionadas às supostas contradições ou incoerências lógicas identificadas nas respostas dos jovens (RIBEIRO; PACIEVICH; CERRI, 2010; CERRI; MOLAR, 2010)¹.

Em outras palavras, pesquisas quantitativas como o Projeto Jovens diante da História (2007-2010), o Projeto Jovens e a História no Mercosul (2011-2017) e, atualmente, o Projeto Residente: observatório das relações entre jovens, história e a política na América Latina (2019-)² tenderiam a manifestar em seus dados, diante da amplitude de opções ofertadas aos jovens, ora ou outra, essas incoerências em suas assinalações, como uma possível marca ou consequência da metodologia. Diante dessa possibilidade, e talvez do imbróglio de ter de justificar/explicar essas constatações, muitos dos pesquisadores vêm optando pela observação e pela análise apenas dos dados de frequência e médias das opções com o maior número de assinalações, o que certamente garante maior grau de confiabilidade e fundamentação em suas conclusões³.

Mas e se essa constatação das assinalações contraditórias (ou incoerências) não decorrer apenas do acaso de assinalações descompromissadas? E se, hipoteticamente, não resultarem unicamente do método ou da especificidade da amostra, mas também da própria natureza da operação do pensamento? Desse modo, diante da mesma constatação empírica do trabalho que faz a consciência, talvez, estaríamos presenciando as dificuldades ou os períodos transitórios de ideias díspares que lhe são inerentes. Se assim for, as pesquisas quantitativas podem avançar ainda mais em suas constatações e conclusões. A brevidade do presente texto não se propõe a comprovar especificamente essa hipótese teórica, mas a toma como premissa para o lançamento de algumas proposições.

A pesquisa quantitativa e a teoria da consciência histórica

Neste momento, longe de ser uma conceituação comum e compartilhada, o conceito de consciência histórica merece uma breve atenção. Pesquisas recentes já apontam como esse conceito encontra múltiplas interpretações e formas de utilização nas investigações nacionais que versam, especificamente, sobre o Ensino da História (BAROM, 2014; SANTOS, 2020). São utilizações bastante variadas, por vezes contrastantes, que vão da sua utilização como fenômeno individual e/ou coletivo; passível de conceituação ou de conceituação impossível; que não evolui ou evolui segundo uma lógica de complexidade; passível de ser qualificada via intervenções pontuais em ambiente escolar ou que são muito mais o resultado de uma dada cultura, num recorte de tempo; que se expressa via narrativa textual e/ou também outras formas de expressões artísticas e corpóreas; fenômeno típico de uma época, possibilitado pelo surgimento e desenvolvimento da Ciência da História ou, como uma constante antropológica, universalmente humano, de todas as épocas e lugares. Curiosamente, essas utilizações partem, significativamente, da mesma referência teórica, as contribuições da teoria da história do filósofo e historiador alemão Jörn Rüsen, sintetizadas na trilogia intitulada *Grundzüge einer Historik* (Fundamentos de uma teoria da história), publicada na Alemanha ao longo da década de 1980. No Brasil, essa trilogia foi publicada a partir de 2001, com a colaboração da Editora UnB e tradução dos professores Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins e Asta-Rose Alcaide, da Universidade de Brasília. O primeiro volume da trilogia foi lançado com o título de *Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica* (RÜSEN, 2001), ganhando sequência apenas seis anos depois, com os títulos *Reconstrução do passado: os princípios da pesquisa histórica* (RÜSEN, 2007a) e *História Viva: formas e funções do conhecimento histórico* (RÜSEN, 2007b).

Em parte, talvez essa grande variedade na utilização do conceito seja um acontecimento um tanto normal no interior da ciência, uma vez que o território brasileiro possui dimensões continentais, com especificidades e demandas múltiplas e pesquisadores com trajetórias e teorias diversas, com as quais se leem, interpretam-se e apropriam-se das contribuições rüsenianas. Por outra parte, não podemos deixar de indicar como a própria referência teórica apresenta algumas utilizações contraditórias do termo e uma definição um tanto abrangente, que acaba por permitir essas divergências. Trazemos aqui, brevemente, os dois trechos mais citados do autor, nos quais busca definir o conceito de consciência histórica.

Tenciono, pois, analisar os processos mentais genéricos e elementares da interpretação do mundo e de si mesmos pelos homens, nos quais se constitui o que se pode chamar de consciência histórica (RÜSEN, 2001, p. 55).

[...] quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que

possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo (RÜ-SEN, 2001, p. 57).

Nesses dois parágrafos a ideia de consciência histórica pode estar atrelada ao que é comum e fundamental no ser humano diante da necessidade de interpretar as experiências do tempo. Esses “processos mentais”/ manter a redação do autor “operações mentais” de interpretação se referem às articulações do pensamento com a finalidade de criar um entendimento sobre o mundo e o próprio sujeito, de modo a permitir-lhe agir na vida prática.

Assim, diante da multiplicidade de entendimentos e utilizações desses dois trechos, bem como dos demais artigos do autor publicados nacionalmente, convém indicarmos que o nosso presente texto também se enquadra nesse esforço de entender, apropriar-se e utilizar o conceito, partindo, igualmente, da mesma matriz teórica.

Nos procedimentos de fala ou escrita, em que se utilizam palavras para organizar frases e sentenças, constituir um conjunto de ideias, elaborar um raciocínio, uma opinião, defender um argumento, a linguagem tem a propriedade de organizar e apresentar o pensamento, sendo o meio pelo qual – talvez não único – a consciência histórica se expressa. Enquanto texto, essa narrativa decorrente seria uma mescla criativa de conhecimentos científicos e não científicos, imagens, experiências do cotidiano, memórias, representações e tradições herdadas.

Nesse sentido, aqui em nosso texto, a premissa para que exista uma consciência que se chame *histórica* tem a ver com essa participação constante da história como filtro de entendimento e/ou explicativo da realidade. Em seu sentido mais livre, o termo *realidade*, do latim *realitas*, remete a “coisas” do exterior, as quais, externas ao sujeito quando trazidas à consciência, seriam, em boa medida, tomadas a partir dessas memórias prévias dos sujeitos. É porque possuem uma ideia no pensamento que a reconhecem no exterior, sendo a maneira como a reconhecem altamente pessoalizada. Essas experiências dos sujeitos, que se atravessam no entendimento enquanto memórias, lançam luz sobre o presente, seja num momento ultracurto (um símbolo ou sinal reconhecido em milésimos de segundos que evoca paixões, medos, ansiedades, desejos e/ou esperanças) ou em momentos de maior duração/complexidade, quando esses sujeitos narram discursivamente para si mesmos ou para outros um entendimento, julgamento ou decisão sobre uma situação de conflito.

Como uma espécie de mecanismo apriorístico, essa utilização da história pela consciência nos indica que, em alguma medida, os passados estão presentes o tempo todo no movimento que o pensamento faz de recuperar informações para o entendimento e a explicação. Então, quando pesquisas na área do Ensino da História adotam o conceito de consciência histórica como eixo estruturante em suas análises, estão elegendo como problemática ao ensino questões como: que memórias funda-

mentam esse tipo de comportamento? Com base em quais informações históricas tomam essas decisões? Por que conceituam dessa e não de outra maneira? Como a história que se apresenta nos objetos da indústria cultural, nas memórias oficiais e subterrâneas, nas tradições inventadas e populares, nos conhecimentos científicos e de senso comum participa e/ou fundamenta as opiniões dos jovens? Assim, uma infinidade de questões cada vez mais vem se aproximando do aprendizado histórico em ambiente escolar ao mundo da cultura, da política e da sociedade.

Ora, desse modo, o ponto de reflexão em que nos colocamos neste texto diz respeito a esse trabalho da consciência e o modo como poderia produzir incoerências lógicas ou julgamentos e ações contraditórias. Se o ato público, principalmente, de narrar implica certa intencionalidade da razão, pois todo locutor pressupõe um interlocutor – entendendo a razão como a capacidade humana que permite produzir conclusões, deduções ou induções a partir de suposições ou premissas, numa articulação entre causas e consequências –, como entender que tomadas de decisões opostas derivam do mesmo processo lógico de conjunção de uma ou mais sentenças declarativas, afirmações aproximadas ou justapostas, ou ainda das mesmas memórias rememoradas? No caso dos projetos citados, os pesquisadores acreditam que assinalar opções ou alternativas subentende o trabalho intelectual de recuperar passados e, assim, relacionar fatos, teses, estudos, opiniões, problemas e possíveis soluções a fim de embasar a escolha determinada. As médias *likerts* ou os dados de frequência, nesse sentido, seriam a expressão sintética desses trabalhos do intelecto, em sentido amplo, e da operação da consciência histórica, em sentido restrito, quando a temporalidade é determinante.

A constatação das incoerências lógicas e dos posicionamentos contraditórios⁴

Os projetos enunciados de análise quantitativa, referências aqui em nosso texto, apresentaram um leque bastante amplo de alternativas aos jovens. O Projeto Jovens e a História no Mercosul (2011-2017), aplicado a 2.240 jovens brasileiros, de aproximadamente 15 anos de idade, apresentou 43 questões com temas variados, cada uma contendo uma quantidade significativa de alternativas para julgar conforme o modelo da escala Likert; já o atual Projeto Residente (2019-), aplicado a outros 3.771 jovens brasileiros, de mesma idade, trouxe 35 questões cujas alternativas variadas também foram elaboradas segundo o mesmo modelo de escala.

Escala Likert (cinco níveis variando de péssimo a ótimo, discordo totalmente a concordo totalmente e assim por diante), a partir da qual se atribui valores numéricos a cada resposta (de -2 para a resposta mais negativa, passando por zero para as respostas neutras e 2 para a resposta mais positiva), sendo que o tratamento é a produção de médias que permitem ver a concordância média com cada afirmação,

e a definição de desvio padrão, que permite conhecer a média da variação das respostas. (CERRI; COUDANNES, 2011, p. 127).

Método desenvolvido por Rensis Likert (1903-1981), professor de Sociologia e Psicologia e diretor do Instituto de Pesquisas Sociais de Michigan. A escala Likert foi apresentada à comunidade científica na publicação “A Technique for the Measurement of Attitudes” (VIEIRA; DALMORO, 2008). Para o nosso texto, isolamos e analisamos apenas as assinalações extremas de indicação de intensidade (-2 ou +2, concordância ou discordância total).

Figura 1: Modelo de graduação/valorização da Escala Likert.



Fonte: Baron (2017).

Figura 2: Exemplo de questão elaborada com base na escala Likert.

18. Qual seu interesse sobre a história dos seguintes lugares:	Nenhum	Pouco	Médio	Grande interesse	interesse total
a. A história da localidade onde vivo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. A história da minha região	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. A história do Brasil	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. Outros países da América Latina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e. A história do mundo, excluindo a América Latina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Fonte: Projeto Jovens e a História – *Software GNU PSPP*.

Os projetos escolheram essa forma particular de elaborar as questões, pois o *software* utilizado para renderizar estes dados, *Software SPSS – IBM Statistics*, permitiu construir médias para cada uma dessas alternativas, cruzar alternativas diferentes, encontrar dados de frequência e/ou identificar os sujeitos que assinalaram ao mesmo tempo determinadas intensidades/atribuição de valor. Esse foi o *software* que também utilizamos em nosso texto para identificarmos os casos abaixo de incoerências/contradições.

Desse modo, dentre essas inúmeras opções de sentenças ofertadas aos jovens para julgamento, cada um dos projetos proporcionou separadamente um número

próximo de trezentas opções de alternativas, número bastante significativo, porém nem todas essas alternativas permitiram aproximações diretas, pois divergiram significativamente em seus conteúdos.

Listamos abaixo as principais alternativas desses dois projetos que, quando assinaladas ao mesmo tempo, pelos mesmos jovens, apresentaram casos de possíveis incoerências/contradições.

Quadro 1: Possíveis incoerências e contradições nas assinalações simultâneas de jovens de dois projetos distintos

PROJETO JOVENS E A HISTÓRIA (2.240 jovens)
a) 14 jovens assinalaram ao mesmo tempo “<u>concordar totalmente</u>” com:
– (A História) É uma forma de entender a minha vida.
– (A História) É algo que já morreu e passou e que não tem nada a ver com a minha vida.
b) 74 jovens assinalaram “<u>interesse total</u>” em temas da História como:
– História da sua família.
Ao mesmo tempo em que assinalaram “nenhum” interesse em:
– A vida cotidiana das pessoas comuns.
c) 50 jovens assinalaram ao mesmo tempo “<u>concordar totalmente</u>” com:
– (Imagem que associa a Adolf Hitler) Um doente mental e criminoso antissocial.
– (Imagem que associa a Adolf Hitler) Um criador de ordem, segurança e integração nacional.
d) 45 jovens assinalaram “<u>muito dificilmente</u>” em:
– (A vida no seu país daqui 40 anos será) Próspera e rica.
Ao mesmo tempo em que assinalaram “muito provavelmente” em
– (A SUA vida daqui 40 anos) Terei rendimentos elevados.
e) 23 jovens assinalaram “<u>muito dificilmente</u>” em:
– (A vida no seu país daqui 40 anos será) Democrática.
Ao mesmo tempo em que assinalaram “muito provavelmente” em:
– (A SUA vida daqui 40 anos) Terei liberdade política e individual.
f) 92 jovens assinalaram ao mesmo tempo “<u>concordo totalmente</u>” em:

– As nações são coisas naturais por uma origem, por uma língua, pela história e pela cultura.

– As nações são o desejo da criação de um futuro, apesar das diferenças culturais de origem.

PROJETO RESIDENTE (3.771 jovens)

g) 36 jovens assinalaram ao mesmo tempo “concordar totalmente” com:

– (A História) É uma forma de entender a minha vida.

– (A História) É algo que já morreu e passou e que não tem nada a ver com a minha vida.

h) 19 jovens assinalaram “importância total” em:

– Importância da religião para você.

Ao mesmo tempo em que assinalaram “nenhuma importância” em:

– Minha fé religiosa.

i) 98 jovens assinalaram “importância total” em:

– Liberdade de opinião para todos.

Ao mesmo tempo em que assinalaram “nenhuma importância” em:

– Democracia.

j) 46 jovens assinalaram ao mesmo tempo “muito provavelmente” em:

– (A vida no seu país 40 anos atrás era) Pacífica.

– (A vida no seu país 40 anos atrás era) Agitada por problemas entre ricos e pobres.

k) 75 jovens assinalaram ao mesmo tempo “muito provavelmente” em:

– (A vida no seu país daqui 40 anos será) Pacífica.

– (A vida no seu país daqui 40 anos será) Agitada por problemas entre ricos e pobres.

l) 35 jovens assinalaram “concordar totalmente” em:

– Indígenas foram desfavorecidos na História do nosso país e continuam vítimas de preconceito e discriminação.

Ao mesmo tempo em que assinalaram “discordar totalmente” em:

– Reserva de vagas para índios nas universidades públicas é, em geral, uma boa ideia.

m) 68 jovens assinalaram “discordar totalmente” em:
– Povos indígenas têm direito à propriedade do território em que viveram seus ancestrais.
Ao mesmo tempo em que assinalaram “concordar totalmente” em:
– (Se indígenas reclamassem indenizações pelos males que sofreram, quem deveria pagar) O governo com os impostos pagos por todos.
n) 58 jovens assinalaram “concordar totalmente” em:
– Negros foram desfavorecidos na História do nosso país e continuam vítimas de preconceito e discriminação.
Ao mesmo tempo em que assinalaram “discordar totalmente” em:
– Reserva de vagas para negros nas universidades públicas é, em geral, uma boa ideia.

Fonte: Projeto Jovens e a História (2011-2019) e Projeto Residente (2019-) – Adaptado de Software SPSS Statistics – IBM.

Primeiramente, podemos indicar aqui a possibilidade de que nem todas essas sentenças, por mais que causem estranheza quando assinaladas ao mesmo tempo, signifiquem apenas contradições. Isso, porque nem todas as asserções estão literalmente em estado contrário ao seu anterior. Essa constatação tem mais a ver com a tradição que decorre do princípio aristotélico da não contradição, em que duas afirmações não podem ser verdadeiras e falsas ao mesmo tempo, bem como da rigorosidade com as regras do próprio silogismo. Se assim for, identificaríamos como contraditórias – que aqui denomino de incoerências simples – apenas as aproximações cujas sentenças, enquanto forma e conteúdo, se apresentem diametralmente opostas em sentido, como nas aproximações “a”, “f”, “g”, “j” e “k”.

Desse modo, identificamos como contradição quando jovens assinalam ao mesmo tempo que a História tem e não tem importância para a vida; como também que nações são coisas que naturalmente ocorram devido a uma origem geradora e ao mesmo tempo um projeto de futuro a ser construído apesar das origens; ou ainda que algo é pacífico e agitado ao mesmo tempo. Assim, contradições em termos, a contradição de ser e não ser ao mesmo tempo. Essa constatação não seria tão evidente se considerássemos outros graus de intensidade da escala Likert que estavam dispostos aos jovens para assinalação, como “concordo em partes”, “mais ou menos” ou “discordo em partes”, em que muitos dos jovens transitaram. Contudo, ao escolhermos, neste texto, identificar e aproximar as assinalações mais extremas, a exemplo de “concordo totalmente” ou “discordo totalmente”, essa situação de contradição simples então se apresenta.

Para as demais aproximações, podemos dizer que não há literalmente uma contradição em termos, mas incoerências lógicas que decorrem de processos mais complexos como a inferência. Por inferência, designa-se a operação mental pela qual se obtém uma ou mais proposições outras que nela estava(m) já implicitamente contida(s), e desse modo é possível afirmar a verdade de uma proposição em decorrência de sua ligação com outras já reconhecidas como verdadeiras. Para este caso, ainda podemos complexificar o processo da inferência subdividindo este trabalho da consciência em seus subprocessos como a analogia, a indução e a dedução. Por analogia, entende-se que, da comparação de situações ou objetos diferentes, inferem-se de certas semelhanças outras semelhanças. Por indução, entende-se que de uma proposição particular pode-se concluir uma proposição universal. Por dedução, que de uma ou mais proposições (premissas) conclui-se uma nova proposição, que delas decorre necessariamente. Assim, tornam-se aparentemente incompatíveis – que aqui denomino como incoerências complexas – as assinalações dos jovens que demonstraram possíveis problemas nesses processos que são inerentes ao ato de inferir e esperados, em alguma medida, de jovens de 15 anos de idade.

A exemplo, temos processos como:

- inferir que a história da sua família pode estar contida na de pessoas comuns (“b”) e que a liberdade de opinião para todos está contida no conceito de democracia (“i”);
- deduzir que “um doente mental e criminoso antissocial” tem, por consequência, alguma dificuldade em criar “a ordem, segurança e a integração nacional” (“c”) e que, se o futuro do país vai ser inevitavelmente de não riqueza, não prosperidade e não democracia, terá esse jovem alguma dificuldade em apresentar futuramente rendimentos elevados (“d”) e liberdade política e individual (“e”);
- no caso de analogias, estabelecer alguma relação ou aproximação entre o valor que atribui à religião e à *fé religiosa* (“b”);
- estabelecer alguma relação lógica de causa e consequência na constatação de que cotas têm a ver com a busca pela reparação das condições mínimas de vida que foram historicamente prejudicadas pelas relações de exploração, preconceito e discriminação (“l” e “n”).

Como dissemos, se as assinalações fossem com outros graus de intensidade, poderíamos até colocar em dúvida essa possível incoerência e/ou contradição, mas, como decidiram demarcar “certeza” em seus posicionamentos, assinando os graus de maior intensidade ofertados, chama-nos a atenção a forma como possivelmente essas ideias e/ou posicionamentos se articulam no interior do pensamento.

Hipóteses.

Se as assinalações desses jovens forem todas deliberadamente compromissadas e racionais, podemos então dizer que há um aparente problema de lógica no funcionamento de suas consciências⁵. Na intenção de acrescentar ao debate a utilização de pesquisas e dados quantitativos no Ensino da História, vejamos algumas possíveis hipóteses para que esse resultado de aparente contradição e incoerência se manifeste ou se intensifique.

Relação entre o método e as assinalações

Considera-se aqui a possibilidade de haver alguma relação entre o método utilizado e o grau de intensidade das assinalações dos jovens, sofrendo o segundo alguma influência indireta-direta do primeiro. Assim, temos:

- I. O peso de uma questão sobre outra: conscientemente ou inconscientemente, os jovens comparariam as temáticas das questões no momento da atribuição de intensidade? Hipoteticamente, se numa questão anterior, cujo tema era mais polêmico, tenham demarcado opções mais extremadas, tenderiam eles a diminuir as intensidades em questões logo posteriores cujos temas não fossem tão polêmicos?
- II. O peso de uma alternativa sobre outra: de mesma forma, dentro de uma mesma questão, haveria uma influência de uma alternativa sobre outra? A informação ou a temática de uma poderia intensificar ou desestimular as demais?
- III. A distância de uma alternativa da outra: em questionários impressos, questões que se desdobrem para além da página em que se originam sofrem menor influência das intensidades atribuídas às questões anteriores? Ou nos questionários virtuais e/ou impressos alternativas relacionadas, porém distantes, se implicariam mutuamente com menor força de relação do que as que se encontrem mais próximas?

Desse modo, quando decorrentes da escala Likert, podemos indicar a possibilidade de os dados quantitativos expressarem, em alguma medida, essas relações que o entendimento estabelece na hora de julgar as atribuições de valor. Assim, não seriam médias unicamente relacionadas às alternativas de referência, mas médias que se compõem em relação às demais alternativas e questões, o que nos faz levantarmos a provocação: se essas alternativas estivessem em meio a outras, em outro questionário ou isoladas, apresentariam outras assinalações de intensidade? Se assim for, estaríamos condenados a termos sempre médias relacionais em questionários quantitativos, no que se refere à escala Likert e ao diagnóstico do pensamento histórico?

Relação entre o desejo e as assinalações

Talvez um dos pontos que mereçam ser considerados pelas pesquisas, mas que não encontramos facilidade de mensuração, seja o componente do desejo como um

dos determinantes sobre as intensidades de assinalações dos jovens. Em outras palavras, quanto do assinalado de concordância, das atribuições de intensidade, decorre explicitamente das experiências vividas pelos sujeitos, de suas memórias evocadas pela consciência, e quanto não encontra respaldo na vivência, mas nos desejos, nas vontades e no querer? Os jovens poderiam, em alguma medida, estar falseando os resultados em nome dos desejos que possuem? Questões que coloquem em xeque a qualidade da existência dos sujeitos respondentes dos questionários, remetendo aos seus futuros, presentes e/ou passados, poderiam sofrer desse fenômeno de suspensão nos processos lógicos necessários ao diagnóstico racional, que julgamos compor o pensamento argumentativo e histórico dos jovens, em benefício da vontade que possuem em manter ou transformar uma dada ordem, contexto e/ou situação? Se assim for, talvez seja o caso de também considerarmos os medos que os estudantes possuem, numa espécie de binômio medo-desejo, como possíveis determinantes nesse mesmo processo de falseamento das assinalações.

Em outras palavras, o que queremos aqui destacar é que parece haver um muro no interior da consciência que protege e isola esses jovens em suas individualidades e privacidades, que pode estar dificultando esses processos de relação. Eles podem estar operando seus quadros próprios de entendimento da realidade, que decorrem de seus conhecimentos e experiências, e assim realizarem análises lógicas de contextos, situações e/ou problemas, desde que essas análises não ameacem esses “eus” que enunciam, pois, se assim fosse, operariam numa espécie de lógica defensiva⁶.

Relação entre as memórias e as assinalações

Por fim, para além das duas situações anteriores, há uma terceira hipótese que vale ser considerada, que pode, inclusive, ocorrer em concomitância às anteriores. Se boa parte do entendimento deriva da apreensão da realidade, e estamos aqui partindo do princípio de que as assinalações extremas, de concordância ou discordância, derivam de memórias e experiências que fundamentem esses posicionamentos, então podemos indicar a possibilidade de não se tratar de problemas lógicos de interpretação dos enunciados, mas da possibilidade de possuírem memórias tão diversas que se atravessam e disputam quase que aleatoriamente esse entendimento. Seríamos todos assaltados pelas memórias, num processo anárquico do inconsciente sobre o consciente, ou haveriam critérios que determinam esse acesso problemático da cognição às memórias “incoerentes”? De qualquer forma, desse modo os jovens não veriam como contradições ou incoerências essas assinalações, porque no ato de demarcar, no momento em que registraram, recordaram algo diverso que serviu como justificativa. Isso torna o problema um pouco mais complexo, pois, diante do tamanho do arcabouço que é a memória humana, por quanto tempo poderíamos agir dessa forma sem perceber a contradição? Haveria um período transitório no interior da consciência em que essas ideias diametralmente opostas poderiam habitar o entendimento e orientar para a vida prática?

Não seria esse um dos dilemas de educar numa sociedade com múltiplas orientações, memórias e ideologias? Ao que tudo indica, seríamos esse *mix* de intenções, credos, posicionamentos e valores, em que cada indivíduo carrega em si a sociedade, e o trabalho da educação escolar e do aprendizado parece ser decantar a si mesmo na relação com os outros.

Considerações finais

Antes de se propor a resolver o engodo denunciado pelos pesquisadores da área do Ensino da História, dos resíduos que a metodologia quantitativa traz às amostras de grande escala, o presente texto buscou apenas lançar outras perspectivas de interpretação e análise sobre esses mesmos dados. Um exercício de autocrítica que, em alguma medida, busca dialogar com esses pesquisadores que atualmente trabalham com grandes bancos de dados, como são os Projetos Jovens e a História e Residente, na intenção de provocar e realizar um convite para que também observem e considerem criticamente esses dados menores que costumam se camuflar nas sobras dos dados mais expressivos que compõem as médias.

Referências

- BAROM, Wilian Carlos Cipriani. **Integração latino-americana e consciência histórica: a noção de pertencimento latino-americano de jovens brasileiros no ano de 2013**. 2017. 254f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, 2017.
- BAROM, Wilian Carlos Cipriani. Os micro-campos da didática da História: a teoria da História de Jörn Rüsen, pesquisas acadêmicas e o Ensino de História. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, ano 6, n. 12, 2014.
- CERRI, Luís Fernando (org.). **Os Jovens e a História: Brasil e América do Sul**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018.
- CERRI, Luís Fernando; COUDANNES, Mariela. Jovens e sujeitos da História. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 125-140, jan./jun. 2011.
- CERRI, Luís Fernando; MOLAR, Jonathan de Oliveira. Jovens diante da História: o nacional e o internacional na América Latina. **Práxis Educativa**, v. 5, n. 2, p. 161-171, 30 dez. 2010.
- FIELD, Andy. **Descobrimo a Estatística Usando o SPSS**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- RIBEIRO, Ângela Ferreira; PACIEVITCH, Caroline; CERRI, Luís Fernando. Identidad y decisiones políticas de jóvenes brasileiros, argentinos y uruguayos. **Clío & Asociados**, p. 129-141, 2010.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001. (Teoria da História; 1).
- RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado: os princípios da pesquisa histórica**. Brasília: UnB, 2007a. (Teoria da História; 2).
- RÜSEN, Jörn. **História Viva: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: UnB, 2007b. (Teoria da História; 3).
- SANTOS, Silmária Reis dos. **A inserção dos trabalhos de Jörn Rüsen no Brasil e a interpretação da teoria da Didática da História nas pesquisas brasileiras (2010-2017)**. 2020. 199f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, Bahia, 2020.
- VIEIRA, Kelmara Mendes; DALMORO, Marlon. Dilemas na construção de escalas tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados?. In: XXXII ENCONTRO DA ANPAD, 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A1615.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2016.

Notas

- ¹ Para além dessas críticas publicadas, refiro-me também às que se manifestam informalmente em rodas de conversa no interior do próprio Grupo de Estudos em Didática da História (GEDHI) e do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.
 - ² Saber mais em: <https://www2.uepg.br/gedhi/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
 - ³ Verificar a recente obra *Os Jovens e a História: Brasil e América do Sul* (2018), de Luis Fernando Cerri, que se propõe a ser uma coletânea de textos de pesquisadores nacionais e internacionais que refletiram sobre os mesmos conjuntos de dados do Projeto. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/zz46v>. Acesso em: 15 abr. 2022.
 - ⁴ A minha relação é de bastante proximidade com esses dados dos projetos. De 2011 a 2017, participei da análise dos dados do Projeto Jovens e a História, junto ao Grupo de Estudos em Didática da História (GEDHI), o que resultou em minha tese de doutoramento, e nos anos seguintes organizamos, junto a colaboradores, a formulação, a aplicação e a análise do novo questionário aplicado pelo atual Projeto Residente. Ambos os projetos foram coordenados pelo professor Dr. Luis Fernando Cerri.
 - ⁵ Não descartamos a possibilidade de esses índices, que são baixos quando comparados ao tamanho total da amostra, decorrerem apenas do descompromisso desses estudantes (respostas aleatórias, brincadeiras no momento de preencher, etc). Mas, por ora, escolhemos não considerar essa possibilidade como a única determinante.
 - ⁶ Vale lembrar que esse “eu” que se enuncia está diametralmente ligado ao coletivo social de experiência cotidiana, principalmente aos grupos ideológicos e políticos.
-